

# NOSSO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

## A CASA-GRANDE DA FAZENDA TIMBAÚBA DOS GORGÔNIOS, EM OURO BRANCO

68

Jeanne Fonseca Leite Nesi

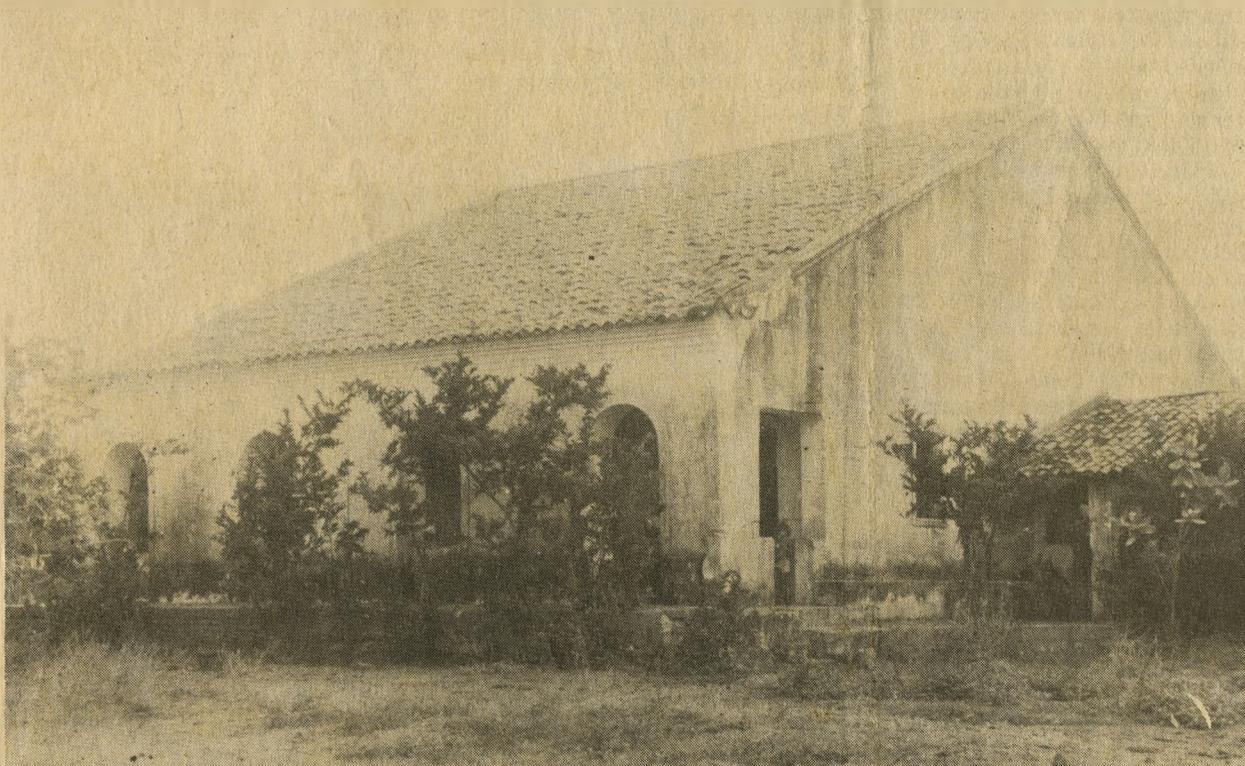
Arquiteta e Diretora do Centro de Documentação Cultural da Fundação José Augusto

Aos 18 de maio de 1791, o governador da Paraíba Jerônimo José de Melo e Castro concedeu ao capitão Manuel Lobo Ferreira Barreto e a Tomás Gomes dos Santos, 3 léguas de terra no riacho Timbaúba, "por ele acima". A data do Riacho da Timbaúba tomou o número de ordem 962.

Uma segunda fase da fazenda Timbaúba foi iniciada pelo capitão Gorgônio Paes de Bulhões, provavelmente no ano de 1833. A fazenda acha-se localizada no Rio Barra Nova (antigamente denominado Qui-pauá), município de Ouro Branco, em pleno coração do Seridó.

Antes de ser construída a atual casa-grande da fazenda, existia ali uma edificação de taipa, que servia de residência e armazém de apoio à Timbaúba, até então dedicada ao criatório. Por volta de 1860, foi iniciada naquelas terras a atividade agrícola.

A casa-grande acha-se implantada na margem direita do Barra Nova, tendo a sua frente voltada para o nascente. Sua construção foi iniciada em 1856 e concluída em 1862. Durante a construção da casa, a Timbaúba já desenvolvia uma grande atividade pastoril. Seu



então proprietário, Gorgônio Paes de Bulhões, viajava frequentemente ao Piauí, com a finalidade de adquirir gado. Na Timbaúba eram criados também, cabras, ovelhas, porcos e aves.

Os grandes responsáveis pelo desenvolvimento da fazenda Timbaúba foram José Gorgônio da Nóbrega (Zuza Gorgônio) e Ana Floripes de Medeiros Barros, respectivamente filho e nora do velho Gorgônio (a quem a fazenda devia a denominação de Timbaúba dos Gorgônios)...

José Gorgônio da Nóbrega (Zuza) casou-se aos 33 anos, no dia 7 de outubro de 1886, com sua prima no 3º grau, Ana Floripes (dona Nanu), que era 18 anos mais moça do que o marido. Do casamento, que perdurou por 56 anos, foi constituída uma grande descendência.

O referido casal transformou a fazenda Timbaúba, no século passado, em uma das mais importantes propriedades rurais do Seridó. Em 1860 iniciava-se uma nova atividade na fazenda: a plantação de algodão, nas várzeas do Rio Barra Nova. Em

princípios do século atual foi implantado na Timbaúba um descaroçador de algodão, popularmente denominado de vapor. A pequena indústria rural funcionou até a década de 50.

Uma outra indústria surgiu, em consequência da agricultura: a casa-de-farinha, que funcionava em uma edificação, ao lado da casa-grande. A incipiente indústria está desativada, porém o prédio permanece inalterado. Havia também na fazenda um engenho-de-

rapadura, constituído de uma almanjarra movida à tração animal. A produção de rapaduras atendia apenas ao consumo interno da fazenda. Por volta de 1940, o engenho foi desmontado.

Uma outra pequena indústria, ali instalada, foi a de fabricação de queijos, dirigida por dona Nanu, a proprietária da fazenda.

A casa-grande da fazenda Timbaúba dos Gorgônios foi solidamente construída, com materiais produzidos, ou extraídos da própria fazenda: pedras, tijolos, telhas e madeiras. Trata-se de uma construção imponente, com planta retangular e cobertura em duas águas, com a cumeeira muito elevada, favorecendo a existência de um sótão, que ocupa o desvão do telhado.

A fachada principal apresenta um alpendre, vazado por quatro arcadas. Uma cornija arremata a sua cobertura. Duas datas estão inscritas naquela parede: 1856 (ano do início da construção), e 1862 (ano de sua conclusão); além das iniciais do proprietário da Timbaúba — GPB.

Internamente a casa apresenta uma peculiaridade: duas salas (a dos homens e a das mulheres) são marcadamente separadas, como se tivesse havido a intenção, o que é muito provável, de proporcionar a segurança das mulheres e

crianças.

A casa é constituída de 7 quartos no pavimento térreo e 2 no sótão; sala da frente, salão, sala de oratório, copa, cozinha, despensa, latrina e alpendre, além de quartos para depósito. A sala da frente, o salão, o alpendre e três quartos para depósito. A sala da frente, o salão, o alpendre e três quartos para depósito. A sala da frente, o salão, o alpendre e três quartos internos eram domínio dos homens. Cabia às mulheres, o restante da casa.

Pouco, ou nada restou do mobiliário original: bancos de pau d'arc, mesas e armários de cumaru, baús forrados de couro, tudo muito simples, como o eram os seus proprietários.

A casa-grande mantém intacta a sua feição original e constitui um exemplar didático, bastante representativo, de uma residência típica daquelas prósperas fazendas seridoenses do século passado.

Por tudo isto, a casa-grande da fazenda Timbaúba dos Gorgônios foi tombada a nível estadual, em 24 de outubro de 1987.

**FONTES:** "Apontamentos para a História Territorial da Paraíba", de João de Lyra Tavares. Imprensa Oficial, Paraíba, 1909; "Timbaúba, uma fazenda do século XIX", de Pery Lamartine. Nossa Editora, Natal, 1984; outras pesquisas procedidas pela autora.